

O tema da santidade, essencial no interior da experiência cristã, revela-se complexo em razão de elementos que entre si se contrapõem. *De um lado*, o desabrochar das potencialidades humanas. O resultado a ser perseguido, objetivo inspirador daquilo que, em determinada situação, se pensa e se faz, da mesma forma como sua qualidade, depende de quanto o ser humano seja capaz de realizar. Nessa dinâmica é preciso que haja *renúncia, autocontrole, ascese, conversão*, no interior de uma justa e adequada escala de valores.

*De outro lado*, a percepção de que *a santidade decorre da exuberância da graça*, no interior de uma dinâmica onde o ser humano é basicamente receptivo. A pessoa santa, em tal perspectiva, não é alguém que realiza grandes coisas, mas alguém que, por sua disponibilidade incondicional ao dinamismo divino, permite que nela se realizem grandes coisas. Como a santidade significa o máximo de elevação humana, pondo em destaque a força humanizadora da *graça*, é fácil perceber que aí está em jogo o essencial. Daí uma conclusão: *não está em poder do ser humano realizar o essencial de sua vida*.

---

\* Este texto é a 3ª parte do trabalho de Hermilo Pretto, *O Deus de nossa fé*, que vem sendo publicado na seção “Teologia Aberta” desde o nº 33 de Ciberteologia (edição 33, jan-fev-mar 2011).

\* Hermilo Eduardo Pretto nasceu em 28/01/1945 e faleceu em 25/01/2004. Presbítero e membro da Congregação dos Missionários de São Carlos (escalabrinianos), obteve mestrado em filosofia (Roma, Universidade Gregoriana) e em teologia dogmática (Univ. Católica de Friburgo, Suíça). Lecionou no ITESP, em São Paulo-SP, durante 25 anos, deu cursos no Instituto de Teologia para Leigos da Diocese de Santo André-SP e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Além de vários artigos sobre epistemologia, teologia da graça e vida religiosa, publicados principalmente na revista *Vida Pastoral* (Ed. Paulus), escreveu: *Em busca de vida nova* (Ed. Paulinas, 1997) e *A teologia tem algo a dizer a respeito do ser humano?* (Ed. Paulus, 2003).

Exemplo singular de santidade compreendida em tal perspectiva, testemunho eloquente do amor divino, é o caso de Maria. Ela tem consciência de sua pequenez e, ao mesmo tempo, reconhece agradecida que o Senhor nela realizou grandes coisas, autênticas maravilhas. Por essa *novidade criativa*, que ultrapassa infinitamente o limite das potencialidades humanas, ela diz que as gerações todas haverão de proclamá-la bem-aventurada. Há uma grandeza que vem no espírito da dádiva. Daí a atitude de gratidão.

Mas aquilo mesmo que passa a impressão de ser contraditório representa, na verdade, as duas faces da mesma moeda. Conforme explicitarei mais acima, na medida em que se consegue compreender a santidade como decorrência da exuberância da *graça* há que se reconhecer que o ser humano é receptivo, sendo a própria *graça* algo que ele vive mas não tem o poder de produzir.

Nesse caso, *a santidade é a própria salvação em ato*, mesmo que ainda esteja a caminho e enfrente a possibilidade constante de perder-se. É o apóstolo Paulo quem proclama, nas cartas aos Romanos e aos Gálatas, que a *salvação* vem pela *fé*, sem as obras da Lei. Com isso ele enfatiza que o ser humano não produz a própria *justificação*. Essa lhe é concedida gratuitamente por Deus. Temos aqui uma condenação flagrante da *teologia do mérito*, marcante na postura calculista dos fariseus e contra a qual Jesus reagiu com força. Infelizmente, fica por vezes a impressão de que a mentalidade dos fariseus tenha influenciado a Igreja bem mais do que o próprio Jesus Cristo.

No sentido de se ter uma visão profunda e abrangente da questão, que é bem mais complexa quanto possa parecer à primeira vista, cabe lembrar que a Carta de Tiago chama a atenção para o fato de *a justificação ser oferecida por Deus ao ser humano, sem qualquer espécie de restrição ou preconceito, como possibilidade*. Mas ela seria morta se, mediante gestos de responsabilidade (as obras), o ser humano não tornasse real tal possibilidade. A oferta de Deus é gratuita e incondicional. Mas o ser humano precisa dar provas de que a aceita e a torna efetiva. Dessa forma, *graça* e responsabilidade refletem a relação entre fato e significado no interior de uma mesma e única dinâmica: a *graça* assumindo densidade histórica pela mediação da responsabilidade humana em termos de relações inspiradas no espírito de gratuidade.

*A santidade é uma forma de plenitude*. Cabe perguntar: a quem ela beneficia com sua riqueza singular? Os antigos filósofos costumavam afirmar que o bem tende por natureza a

difundir-se, a comunicar-se. A razão disso é o próprio dinamismo interno do bem: ele nunca será tal se não estiver voltado para o espírito da dádiva. Há total incompatibilidade entre um bem verdadeiro e a postura de fechamento, de exclusão, de recusa da partilha. O que se observa aí não é um aspecto periférico, uma dimensão menor, mas o cerne mesmo daquilo que é estruturalmente bom. Baseado nesse princípio é que é possível compreender o gesto divino que se explicita em termos de criação.

Aquilo que se diz a respeito do bem em geral aplica-se ao bem particular que é a santidade. Ela é como uma *luz* e não existe para ser ocultada, mas para ser posta em local elevado e, assim, iluminar o ambiente circunstante. Ela é também como o *sal*: cabe-lhe a irrenunciável tarefa de assegurar sabor à vida. Em ambos os casos, no interior de referências evangélicas *a santidade é um testemunho de esperança*. O próprio Jesus assim se expressava, falando a quantas e quantos estavam no seguimento: vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo. Cabe apenas uma ressalva: isso não pode decorrer de uma postura intencional própria de quem se propõe como modelo a ser seguido. A força de apelo vem espontaneamente, pelo testemunho.

*A santidade representa o coroamento de um projeto de vida*. Aí ganha força a *disponibilidade*. A pessoa santa é sempre alguém que tem fora de si, no próximo, seu centro de gravidade: inspira-a profundamente o *espírito da dádiva*. Por isso mesmo, a santidade acontece no interior de uma contradição frontal com o chamado *espírito do mundo*. Em sua dimensão de profundidade, ela se apresenta como clamor que brota da própria estrutura de ser. Assim, ela constitui vocação universal.

*A santidade é a resposta ao anseio de plenitude que todo ser humano aninha em seu interior*. A consequência disso é que, sem exceção, ela envolve a todos. Quando Jesus dizia: “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48), era sua intenção dirigir-se a todos e não a um grupo privilegiado de eleitos. Aliás, Jesus nunca evidenciou qualquer preocupação no sentido de constituir aristocracias religiosas. Se alguém pode e deve destacar-se, isso deverá ocorrer na disponibilidade para o serviço: “Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve [...]” (Mt 20,26).

Em tal perspectiva, *a santidade é o coroamento de um profundo anseio* que, não plenificado, leva fatalmente para a frustração. No entanto sendo o ser humano alguém radicalmente ambíguo, a santidade nasce do conflito e nele se alimenta, em termos de

contradição e oposição, porque adere ao princípio da vida. Ela não é fechamento em face do autenticamente novo que o Espírito suscita incessantemente. A pessoa santa, por conseguinte, será sempre uma pessoa atenta aos sinais dos tempos, que são as indicações de que estão em andamento processos vitais, autênticas novidades criativas, a recriação do mundo, como dinamismo divino permanente. Isso, naturalmente, exige atento discernimento e senso de responsabilidade. Se ainda podemos considerar a pessoa santa como alguém estranho, é porque ela tem a coragem de não conformar-se à ditadura do senso comum. É isso que pretendia dizer o apóstolo Paulo em sua insistência no sentido de que os que haviam aderido a Jesus Cristo não se conformassem ao mundo presente.

*A santidade é a expressão mais alta da sabedoria.* Aqui não se está falando de conhecimento apurado, de erudição, mas de transparência e contemplação. A sabedoria nem sempre coincide com a ciência. É o olhar da criança, que pode até ignorar a utilidade daquilo que existe, mas que é capaz de captar sua dimensão mais profunda. É muito difícil para o ser humano situar-se no interior de um estilo de vida que contradiz as mais comecinhas aspirações humanas, geralmente inspiradas na mediocridade.

O apóstolo Paulo falava da *sabedoria da cruz*: a realização humana passa pela renúncia, pela capacidade de arriscar a própria vida, pela disponibilidade em fazer-se comunhão. Quem, em nosso tempo, ousaria ainda falar nesses termos? Estão aí as mais diferentes filosofias e psicologias insistindo em que a centralidade da pessoa está nela mesma, identificando no outro o inferno, alimentando uma postura substancialmente egocêntrica. Dominadas no interior da ditadura do senso comum, as vozes se calam para deixar transparecer que é a conformidade aos padrões convencionais e aos ditames do senso comum que determina o ritmo da existência.

O pensamento desenvolvido pelo apóstolo Paulo chama a atenção para uma verdade essencial: o amor é a plenitude da Lei e nele o ser humano atinge a maturidade. *A santidade é a condição daquelas e daqueles que se deixaram tomar por inteiro pela dinâmica amorosa* a ponto de realizar em todos os níveis aquilo que o mesmo apóstolo atribuía especificamente à relação com Cristo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Mas quantos equívocos se cometem em nome do amor!

*Se amar significa tornar a pessoa amada uma prioridade*, por que tanta instrumentalização de pessoas e instituições em busca de vantagens pessoais? *Se amar*

*significa tornar a pessoa amada livre, livre até mesmo da gente*, por que esse desenfreado instinto de posse? Por que toda essa avalanche de chantagens visando reter as pessoas quando elas clamam por liberdade, muitas vezes em gestos de desespero?

A santidade é o *espírito de Deus* apontando caminhos de vida nova. É *apelo veemente* a uma concentração no essencial (para Jesus, o Reino de Deus e sua justiça). É *senal de trânsito indicando a direção para o caminho da porta estreita*, porque largo e espaçoso é o caminho que leva à perdição.

Ainda é possível encontrar pessoas interessadas em pôr-se à escuta desse clamor? De todo modo, é preciso lembrar que *a santidade se expressa na dinâmica da eficácia*: o verdadeiro êxito muitas vezes passa pela experiência do fracasso, pelo caminho da cruz. *Perder, fracassar*, podem ser extraordinários momentos de *graça*. Em termos conceituais, *graça* e *desgraça* se excluem por princípio. No dinamismo paradoxal de Deus, elas frequentemente andam juntas. A cruz é um instrumento de morte. Para Deus, ela pode ser um caminho que leva à salvação, entendida como vida em plenitude.

Continua no próximo nº